

Biografia e património

*Apresentação por
Idalina Conde**

O renascimento do interesse pelo método biográfico em sociologia e a sua extensão a outras ciências sociais, parece corresponder a uma orientação teórica e epistemológica global que, feita embora de perspectivas diversas, tende a convergir num mesmo movimento de *retorno ao sujeito* da acção social. E se todas as ciências, muito em particular as ciências sociais, são sempre espelho de condições que as tornam possíveis, esta direcção intelectual move-se no cenário mais amplo do individualismo contemporâneo - individualismo que trouxe para a reflexão problemas como a disseminação dos movimentos sociais, segmentação de grupos, ecletismo de valores, revalorização do quotidiano, dos modos de vida e da identidade pessoal.

Por meio da biografia, tomar este *sujeito* como *portador de história*, impõe uma translação do olhar, isto é, encarar o anónimo e silencioso patronímio de cada um na qualidade de inegável património colectivo do presente para o futuro. Neste sentido, o uso das histórias de vida no contexto geral das ciências sociais, não esconde o interesse pela face activa e instável da estrutura social, pela origem dos processos de mudança e de mobilidade - processos que, em última instância, estão nas mãos dos indivíduos, chame-se-lhes consoante as perspectivas teóricas, agentes, actores ou sujeitos da acção. No presente dossier não se procure, no entanto, uma representação alargada das diversas temáticas e preocupações inerentes ao uso das biografias mas apenas, em textos que o fazem por caminhos e com sentidos diferentes, uma reflexão sobre a íntima correlação entre *patronímio individual e património social*, entre *memória pessoal e memória colectiva*, entre *historicidade e a história*.

Franco Ferrarotti numa perspectiva que poderíamos classificar de "existencialismo sociológico", interroga-se sobre as mediações que devem curto-circuitar a percepção monista da biografia: cabe às biografias "de contexto" (biografias dos grupos primários e secundários), construídos por meio da razão dialéctica que inspira o método progressivo-regressivo, restituir a parte de social que existe em cada indivíduo. O indivíduo aparece sempre na juntura de si com os outros. Françoise Zonabend, do lado da antropologia, mostra-nos que as reservas e a estrutura da memória individual têm por base um património colectivo: a família, corporificada e transmitida pela genealogia que constitui

* Docente do ISCTE, investigadora no CIES.

uma matriz de referência e de recurso para a localização pessoal. Finalmente, os dois últimos textos aproximam-se de casos praticamente literais de conversão, pelo trabalho social do tempo, do *nome* em *nomeada* com direitos de posteridade. Falam de dois artistas que pareciam partilhar a mesma falta de reconhecimento de si por parte dos outros no seu tempo, mas a sintonia de pontos de vista não exclui objectivos diferentes. Nathalie Heinich, sobre Van Gogh, refere-se sobretudo à função social desempenhada pela hagiografia dos artistas, ícones de um sagrado secular e em cuja celebração se investe e se prova toda uma ética colectiva. Eu própria, sobre Alvarez, ensaiando uma espécie de biografia "em segunda mão", procuro re-situar o indivíduo num "homem deserdado" e reflectir sobre um talento socialmente inesperado.